

LITERATURA DE FRONTEIRA BRASIL E GUIANA FRANCESA: CENÁRIOS DE TRAVESSIAS

Fabíola Reis

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

(fsfreis@unifap.br)

Resumo

Este artigo aborda o cenário da travessia na fronteira Brasil-Guiana Francesa em dois textos curtos: o conto *La mort et la mort de Bernard Vergalant* (2016), de François-Xavier Gérard, publicado no segundo tomo da coleção *Brèves de Savane*, e a crônica *Chiclete-de-Onça* (2016), de Ramiro Esdras Carneiro Batista, publicado na antologia *Crônicas Escolhidas*, ambos considerados como parte do círculo de autores que vivem ou escrevem sobre essa região, o *circum* Oiapoque. Com base em Siqueira e Camargo (2013), Carvalho (2017), Macris (2007) e Glissant (2006), discutimos, primeiramente, a noção de Literatura de Fronteira para falar sobre os textos produzidos em uma região dividida entre dois ou mais países, com cenários, personagens e características próprias. No caso de *La mort et la mort de Bernard Vergalant* e de *Chiclete-de-Onça*, textos com inspiração de outros da Literatura Brasileira – o primeiro com *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado, e o segundo com *A velha contrabandista*, de Stanislaw Ponte Preta. Nos dois textos, a fronteira é representada como travessia entre dois mundos – o fim e o começo de uma vida para Bernard Vergalant, que decide começar uma vida no Brasil depois de descobrir que era considerado morto em solo francês, ou uma linha invisível estabelecida por não-indígenas para indígenas e outros povos minoritários, como no caso do indígena Chiclete-da-Onça, o personagem principal da crônica do mesmo nome.

Palavras-chave: Fronteira; Literatura de Fronteira; Oiapoque; François-Xavier Gérard; Ramiro Esdras Carneiro Batista.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Fabiola Reis

É doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará e doutora em Estudos da Tradução pela University of Antwerp. Professora adjunta na Universidade Federal do Amapá.



lattes.cnpq.br/2099575783439005



orcid.org/0009-0009-2744-8482

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

LITERATURA DE FRONTEIRA BRASIL E GUIANA FRANCESA: CENÁRIOS DE TRAVESSIAS

Fabíola Reis

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

(fsfreis@unifap.br)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A LITERATURA DE FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

“Ultrapassar a fronteira é um privilégio do qual ninguém deveria ser privado, por nenhum motivo. Só existe fronteira para essa plenitude de, enfim, ultrapassá-la e através dela compartilhar plenamente as diferenças.”

EDOUARD GLISSANT em *Não há fronteiras que não se ultrapasse* (2006)

As palavras de Edouard Glissant que abrem este texto guiam os leitores para uma discussão que envolve temas como fronteiras entre nações e a literatura em formação produzida nessa região, os cenários de travessias entre países e personagens típicos que lá vivem. Uma fronteira delimitada por um rio, uma rua ou um muro a ser derrubado visa a impedir a passagem direta de transeuntes, que só podem atravessá-la quando estão de acordo com leis que regulamentam a entrada de estrangeiros.

A todo momento, há notícias de pessoas tentando alcançar e atravessar fronteiras, principalmente as de países do Norte Global, com o objetivo de buscar uma vida melhor em um novo lugar. Glissant comenta que, em muitos casos, as crianças são treinadas desde cedo a enfrentar as cercas de arame farpado das barreiras de fiscalização das fronteiras:

Após a longuíssima peripécia da caça aos imigrantes clandestinos na Europa, no Reino Unido, na França, na Espanha, na Itália e nos menores principados mobilizados, uma das cadeias de tevê mostrou no início de 2006 alguns desses clandestinos retirados a força para o Mali, onde um deles cria uma instalação destinada às crianças do local, em pleno deserto e em pleno terreno vazio, para lhes ensinar o que é uma tentativa de passagem através de uma barreira de fronteira. Trata-se de uma cerca plantada ali, toda degingolada, dessas que servem mais para assinalar do que para proteger um jardim, pontuadas por silhuetas assim como por bocas, diríamos, devoradas pela cerca, e todas essas

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

minúsculas feridas rasgadas que tentam escalar o infinito, enquanto a câmera faz acrobacias, da areia ao redor da vista das crianças, com a gesticulação tranquila do operador. (GLISSANT, 2006)

Glissant explica que o termo “fronteira” levanta questões relacionadas à identidade dos indivíduos que vivem nesses espaços. Ao ultrapassar os limites estabelecidos entre países, esses sujeitos passam a se reconhecer como alguém “do outro lado”, como se estivessem em um mundo dividido, tal qual o autor aponta a partir de uma experiência pessoal:

A experiência da fronteira foi fundamental para mim, antes mesmo que eu tivesse consciência disso. Quando eu era criança – nasci em 1939 – a fronteira, bem pertinho, mais perto da minha casa do que um *arrondissement* do outro em Paris, não era uma fronteira qualquer, mas uma fronteira que dividia dois mundos. (GLISSANT, 2006)

Assim como Glissant fala da fronteira como sendo parte da identidade, o escritor Claudio Macris (2007) também discorre sobre como essa identidade de viver na/da fronteira se manifesta em uma produção literária da própria região: publicações em/de Trieste são um tipo de literatura de fronteira oriunda do território anexado à Itália, que já foi parte do Império Austro-Húngaro, local com mais falantes de esloveno e do dialeto de Trieste do que italiano, língua oficial do país. Ele completa que a identidade da fronteira é resultado de um encontro entre diferenças, “por vezes uma chance, uma ponte entre diferentes culturas, que permite o encontro entre diferentes civilizações e a descoberta de uma identidade plural, mais rica” (MACRIS, 2007, p. 9, tradução nossa¹)².

A literatura produzida nas fronteiras tem valores únicos e representativos desses territórios. Nela também encontramos tanto o multiculturalismo social e intercâmbio cultural, quanto os indivíduos que compõem o ambiente fronteiriço, personagens que vivem neste contexto. Nisso, Macris (2007) complementa que a literatura de fronteira pode ter um alcance muito maior quando ultrapassa os limites de uma literatura nacional:

A fronteira é dupla, ambígua: às vezes é uma ponte para encontrar o outro, às vezes uma grande muralha da China para repelir. Muitas vezes, é a obsessão de colocar alguém ou alguma coisa do outro lado; a literatura, entre outras coisas, é também uma viagem que se faz para se libertar deste “mito do outro lado”, para compreender que todos estão aqui e às vezes ali, que todos são o

¹ Doravante, toda tradução, cujo texto de partida esteja presente, será de nossa autoria. Exceto os textos mencionados nas referências bibliográficas.

² Texto de partida: “L’identité de frontière est parfois une chance, un pont entre différentes cultures, qui permet la rencontre entre des civilisations différentes et la découverte d’une identité plurielle, plus riche. C’est aussi le mythe de Trieste comme creuset de langues et de cultures”.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

outro. A literatura é também a capacidade de se situar do outro lado da fronteira. (MACRIS, 2007, p. 11)³

Literatura de Fronteira é o nome dado à produção em um espaço delimitado geograficamente como fronteira, textos e/ou uma produção cultural que retratam, de algum modo, a paisagem, as pessoas e/ou variedade linguística, dentre outros elementos de uma região dividida entre dois ou mais países. Siqueira e Camargo (2013), ao falarem sobre a literatura produzida localmente entre Brasil e Bolívia, mencionam três fatores que caracterizam uma literatura de fronteira:

Os três aspectos que, a nosso ver, caracterizam a literatura de fronteira podem ser assim estabelecidos: 1) obras que põem em questão conceitos cristalizados da teoria da literatura e da crítica literária, como, por exemplo, a tripartição clássica dos gêneros, a separação entre prosa e verso; 2) a indefinição acerca de uma possível linha divisória entre o público infantil, o juvenil e o público adulto. Como já ressaltamos, é possível conceber um texto que também possa atingir os leitores jovens, sem que isto signifique a *inferiorização* do literário ou a limitação temática ou formal do texto; 3) por último, literatura de fronteira constitui também aquela em que se misturam numa mesma trama fios da vida e fios da ficção: textos que guardam semelhança entre o autor, o narrador e o personagem ou ainda textos que se valem da memória autobiográfica para compor a matéria de sua escritura (SIQUEIRA E CAMARGO, 2013, p. 2).

Os aspectos mencionados por Siqueira e Camargo nos ajudam a compreender e organizar o material produzido na região de fronteira. Considera-se, nesse caso, pessoas comuns que escrevem poesia, narrativas indígenas ou contos populares, ou seja, textos em que a fronteira é cenário, e o próprio homem da fronteira aparece. Adicionamos a isso o fato de não termos uma literatura produzida em apenas um idioma e de que os autores não estão sob uma mesma bandeira. Nesse caso, chamamos de *circum* (do latim “em torno de”, “perto de”) para o que é produzido nessas *redondezas*. Na fronteira Roraima/Brasil, Venezuela e Guiana, há um grupo de pesquisa que trabalha com a produção literária do *Circum* Roraima, e podemos, a exemplo deles, chamar a produção da fronteira do Amapá/França como *circum* Oiapoque, abrangendo autores, poetas e narradores de Vila Cassiporé, Vila Brasil, Vila Vitória, Oiapoque (Brasil), comunidades indígenas dos territórios Uaçá, Juminã e Galibi (Brasil), Saint-Georges-de-l’Oyapock, Camopi, Ouanary, Regina e Kourou (França).

³ Texto de partida: “La frontière est double, ambiguë : parfois c’est un pont pour rencontrer l’autre, parfois une grande muraille de Chine pour le repousser. Souvent, c’est l’obsession de situer quelqu’un ou quelque chose de l’autre côté; la littérature, entre autres, est aussi un voyage que l’on entreprend dans le but de se libérer de ce « mythe de l’autre côté », de comprendre que chacun se trouve tantôt ici et tantôt là, que chacun est l’Autre. La littérature est aussi la capacité de se situer de l’autre côté de la frontière”.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

A exemplo do que ocorre com a Literatura de Fronteira do *circum* Roraima relatado por Fábio Carvalho (2017), a produção literária da região de Oiapoque caminha apenas agora na área acadêmica, depois de uma década de implantação de um curso de graduação na área de Letras e da chegada de pesquisadores para trabalhar na região. Com essas ações, “é que começa a se estruturar a vida acadêmica e, com ela, o espírito de investigação” (CARVALHO, 2017, p. 104).

Com isso, nomes de escritores/poetas locais que escreviam e publicavam de forma artesanal (nesse caso, solicitando a impressão dos livros em gráficas em Macapá, capital do Amapá) começaram a surgir: Terezinha Maciel, Edson Lopes Maia e Rosemary Silva da Costa são alguns locais conhecidos pela relação que mantém com as letras. Outros já publicam pelas editoras na Guiana Francesa ou de outras regiões do Brasil, como Marven J. Franklin, Ramiro Esdras Batista Carneiro, Waddy Benoît e François-Xavier Gérard.

A fronteira entre Brasil e Guiana Francesa foi delimitada no final do século XIX, em 1º de dezembro de 1900, pelo laudo arbitral suíço⁴, que decidiu a favor do Brasil na tese defendida pelo Barão de Rio Branco. Pelo laudo, estabeleceu-se que o rio Oiapoque (Figura 01), chamado inicialmente de rio Vicente Pinzón, seria o marco que separaria o Brasil das terras francesas, demarcando o limite entre as cidades de Oiapoque - distrito de Vila Vitória (Brasil), e de Saint-Georges de l’Oyapock, ou simplesmente Saint-Georges, na Guiana Francesa (França). A travessia pelo rio Oiapoque é, até hoje, mais comum e mais barata do que pela ponte Binacional, inaugurada em 2017. Por ser mais frequente, também é cenário recorrente em textos literários, como nos poemas dos poetas locais Marven J. Franklin ou de Edson Lopes Maia.



Figura 01: A fronteira Brasil-Guiana Francesa (ponto de Vila Vitória & Saint-Georges)

Fonte: BURSALAN (2017, p. 101)

⁴ O laudo arbitral suíço (“LAUDO ARBITRAL de 1900 - Brasil/França”) pode ser lido integralmente *online* e está disponível em: info.lncc.br/gtt1900.html. Acesso em: 17 ago. 2024.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Como exemplo em prosa, apresentamos dois textos que retratam a travessia na fronteira franco-brasileira: um conto de François-Xavier Gérard intitulada *La Mort et La Mort de Bernard Vergalant* (2016) e a crônica *Chiclete-de-Onça*, de Ramiro Esdras Carneiro Batista, ou seja, um trabalho de cada país, com um ponto em comum – a travessia no rio Oiapoque. A partir de trechos de cada história, analisaremos cenários distintos dessa fronteira Brasil-França, comparando-as, sob o viés da Literatura Comparada, com outros dois textos da literatura brasileira – o primeiro com *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado, e o segundo com a crônica *A velha contrabandista*, de Stanislaw Ponte Preta.

LA MORT ET LA MORT DE BERNARD VERGALANT, DE FRANÇOIS-XAVIER GÉRARD

La Mort et La Mort de Bernard Vergalant, escrito por François-Xavier Gérard⁵, foi publicado originalmente na coletânea *Brèves de Savane 2*, lançada pela Ibis Rouge Éditions em 2016. O título remete imediatamente à novela de Jorge Amado (1912-2001) *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* (publicada em 1959). Assim como na história amadiana, há, na trama, um personagem com duas vidas e duas mortes.

O personagem principal é Bernard Vergalant, um francês que mantém uma vida quase boêmia em Caiena, capital do território ultramarino da Guiana Francesa, onde tem família e uma vida paralela em Macapá, capital do Amapá, cidade na qual é dono de um motel e de outros empreendimentos que o sustentam com uma boa renda. Em uma das idas e vindas entre os dois países, a caminho de Caiena, de carro, ele ouve por uma emissora de rádio francesa a notícia do próprio falecimento: em território francês, houve um acidente com um carro em nome dele, sendo encontrado um corpo em estado irreconhecível, cujos pedaços tiveram que ser juntados para poder ser enterrado dignamente. Naquele momento, ele decide, então, aproveitar a chance de ter uma nova vida no Brasil com o dinheiro que rendia dos empreendimentos locais, onde ninguém saberia que estava oficialmente morto em outro país, retornando a Saint-Georges para atravessar para o Oiapoque.

⁵ François-Xavier Gérard, nascido na Bretanha (França), trabalha como professor das letras modernas em Kourou (Guiana Francesa), publicou, além do conto de análise deste trabalho, as obras *Guyanimes – 10 histoires plus ou moins cruelles de la Guyane d'aujourd'hui* (2014) e *La Vénus du Maroni et autres Guyanimes* (2016), ambos pela editora Orphie. Também traduziu para o francês *Um sonho no caroço de abacate* (1995), de Moacyr Scliar (1937-2011), sob o título *Un rêve dans le noyau d'avocat* (2018), também pela editora Orphie. Mais informações podem ser encontradas no blog do autor disponível em <https://francois-xavier-gerard.com>. Acesso em 17 ago. 2024.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

A fronteira franco-brasileira aparece para Vergalant como uma representação da antiga e da nova vida, o limite entre o fim e o começo. Em um primeiro momento, a descrição de Saint-Georges aparece como uma cidade pequena e marcada pela rotina chuvosa, de um calor avassalador, uma travessia que já estava acostumado a fazer:

Vergalant pagou sem olhar muito para o barqueiro atarracado e bem-humorado que lhe passava sua maleta. Deteve-se um momento a saborear a tranquila criouldade da cidade, observando a pracinha em frente ao rio. Ao fundo, próximo à Prefeitura, funcionários públicos, provavelmente do município, estavam de folga em frente a uma mercearia chinesa, cuja maior parte da renda se devia à sede insaciável provocada nestes fiéis clientes pelas conversas sem fim sob um calor avassalador, e a rotina chuvosa de um vilarejo perdido que teve que ser enganado da melhor maneira possível. (GÉRARD, 2016, p. 113)⁶

Em filmes como *A vida dos outros* (Alemanha, 2006) e *La jaula de Oro* (México, 2013), temos momentos angustiantes em que pessoas tentam atravessar ilegalmente uma fronteira, sem saber o que os aguarda do outro lado ou se serão descobertos. No caso da de Vergalant, a travessia também é marcada pelo medo e antecipação com a possibilidade de os funcionários da fiscalização e controle de passaportes já terem alguma notificação a respeito do falecimento dele em Caiena:

Enquanto esperava para embarcar, Vergalant ficou preocupado: e se a fiscalização já tivesse sido notificada de sua “morte”? Eles o impediriam de levar seu veículo quase novo além deste rio Aqueronte ao qual a maré crescente deu uma corrente frustrada e tumultuada? Finalmente, o serviço de Caronte reapareceu, parecendo sereno, e logo saímos da borda no rugido nauseante do velho diesel que impulsionou Bernard Vergalant para uma nova vida. (GÉRARD, 2016, p. 117)⁷

⁶ Texto de partida: “Vergalant paya sans trop le regarder le piroguier trapu et débonnaire qui lui passait sa petit valise. Il rest un instant à savourer le créolité tranquile du village, observant la petite place qui faisait face au fleuve. Au fond, tout près de la mairie, um personnel débraillé probablement municipal occupait son desœuvrement devant une épicerie chinoise dont l’essentiel du chiffre d’affaire tenait à la soif inextinguible que provoquaient chez ces clientes fidèles des bavardages sans fin sous une chaleur vie accablante, et la routine pluvieuse de village perdu qu’il fallait bien tromper comme on pouvait.”

⁷ No texto de partida: “Dans l’attente du larguer des amarres, Vergalant s’inquiéta: et si la douane était déjà avisée de son « décès »? L’empêcherait-on d’emmener son véhicule quasi neuf dans l’au-delà de ce fleuve Achéron auquel la marée montante donnait un courant contrarié et tumultueux? Finalement, le Charon de service reparut, l’air serein, et on quitta bientôt le bord dans le grondement nauséabond du vieux diesel qui propulsait Bernard Vergalant vers une nouvelle vie”.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Um ponto a ser observado é que o narrador compara a travessia de Vergalant no rio Oiapoque à das almas dos mortos da mitologia grega, feita pelo barqueiro Caronte ao longo do rio Aqueronte, na divisa entre o mundo dos moribundos e o dos vivos: “[...] o robusto demônio da morte [Caronte] permitia a entrada da alma em sua barca, que a transportava para além dos quatro temíveis rios infernais, Aqueronte, Cocito, Estige e Piriflegetonte” (BRANDÃO, 1986, p. 317-318). Era o prenúncio ao que aconteceria com Vergalant ao voltar para o Brasil. Depois de passar a noite em Oiapoque, Vergalant vai de carro para Macapá, capital do Estado onde começaria a nova vida. Durante o trajeto, ele sofre um acidente e morre pela segunda vez em dois dias, encerrando a vida também no Brasil.

CHICLETE-DE-ONÇA, DE RAMIRO ESDRAS CARNEIRO BATISTA

Na mesma linha de *La Mort et La Mort de Bernard Vergalant*, temos a crônica *Chiclete-de-onça*, escrita pelo mineiro Ramiro Esdras Carneiro Batista⁸, publicada na coletânea *Crônicas Escolhidas* em 2016, levemente inspirada na crônica de humor *A Velha Contrabandista*, de Sérgio Marcus Rangel Porto (1923-1968), conhecido pelo pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta. A história se passa na fronteira franco-brasileira: o protagonista Chiclete-de-Onça é um indígena franco-brasileiro que trabalha como catraieiro (canoeiro) no rio Oiapoque, todos os dias indo e vindo pelo rio transportando pessoas.

Em uma referência à conhecida abertura de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1908-1967), o narrador explica como os indígenas veem as fronteiras: limites sem sentido estabelecidos por não-indígenas quando eles mesmos já estavam acostumados, desde sempre, a andar por aquelas terras. Para os povos tradicionais daquela região (indígenas, quilombolas, ribeirinhos), a travessia da fronteira sempre foi uma atividade rotineira, de idas e vindas entre as duas nações. A partir do momento que não indígenas aparecem para estabelecer limites e aplicar leis sobre quem pode atravessar e permanecer em cada lado, começam as dúvidas:

Junto àqueles brancos-encardidos vieram fronteiras, regras, acordos e coisas-outras, incompreensíveis ao Chiclete: como repartir a terra e a água, os solos e subsolos? E como seccionar os desejos de ir e vir destas gentes misturadas n’aquelas caóticas enormidades oceânicas? Sandices de brancos... nonnada. (BATISTA, 2016, p. 149)

⁸ Ramiro Esdras Carneiro Batista é professor adjunto na Universidade Federal do Amapá, atuando principalmente no curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Nascido em Montes Claros, trabalha desde 2013 em Oiapoque (AP), cenário dos contos e crônicas que escreve e publica em coletâneas ou obras pessoais, como *Crônicas Escolhidas* (2016) e *Crônicas Suprimidas: a mucura escatológica e outras sandices* (2019).

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Para Silva e Palomino (2018), essas delimitações de fronteiras citadas no texto de Batista tendem a ser aplicadas diferentemente entre não indígenas (moradores comuns da fronteira) e povos tradicionais, principalmente indígenas. Ambos esclarecem que cada grupo está tutelado a uma convenção diferente. Os indígenas, em particular, agora precisam observar em qual território se encontram, mesmo quando os antepassados sempre estiveram presentes naquelas terras:

Com este reordenamento territorial de amplas e profundas proporções, os moradores das fronteiras internacionais, de modo geral, e os povos indígenas, de modo particular, se veem inseridos em contextos de nacionalidades e etnicidades em conjunção, sendo tutelados por regulações diversas, quando não contraditórias, com acordos e convenções internacionais ratificados pelos próprios países nos quais estão inseridos. (SILVA E PALOMINO, 2018, p. 8)

O indígena Chiclete-de-Onça é descrito como um homem “desgarrado de suas gentes-ameríndias”, mas ainda mantém hábitos indígenas, como a questão de conhecer e atravessar a fronteira por conhecer a região via antepassados – por mais que se sinta “livre” por não ter familiares vivos e não viver na aldeia:

O velho Chiclete é um homem desgarrado de suas gentes-ameríndias, ora alcunhado pelos brancos com esse nome, não se sabe mais por quê... trata-se de um filho destes trágicos dramas familiares das gentes autóctones: tendo morrido toda a sua família ampliada na aldeia, em febres desconhecidas, não quis o sobrevivente mais estar junto aos seus. Era demasiado dificultoso adentrar a mata ancestral com tantos espíritos cobrando cuidados... (BATISTA, 2016, p. 148)

Com esse afastamento dos parentes e proximidade com os não indígenas, o personagem pratica alguns atos ilícitos, como arranjar carne de caça nas matas para vender para alguns moradores da cidade. Ao tornar-se catraieiro, a figura da fronteira que trabalha transportando objetos e pessoas entre as cidades separadas por um rio, chamou a atenção do guarda-fronteiras, personagem que é uma caracterização de um agente da polícia federal comum nessas áreas e que pode ser comparado ao fiscal da alfândega que parava a velhinha na lambreta na fronteira em *A Velha Contrabandista*:

N’aqueles ires e vires, Chiclete não pôde deixar de ser notado pelo guarda-fronteiras. Diariamente aquele homenzarrão parava a catraia do velho-índio. Em revistas, berrava cóleras, chafurdava a bagagem e seu próprio corpo amorenado, querendo saber por que tanto navega-ele, desrespeitando fronteiras oficiais. Ao que o ameríndio respondia evasivo e des’entendido:

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

— Sim, *Muchê*. Não, *Muchê*. Índio atravessando, *Muchê*... – O que irritava ainda mais o tal agente.

[...]

E semana-pós-semana era o Chiclete revistado e as respostas repetidas: *Muchê* sim, *Muchê* não. *Kôte-Muchê*. Índio-atravessando, *Muchê*. (BATISTA, 2016, p. 149)

Apenas anos depois, o guarda-fronteiras, já aposentado, conversa com o indígena e pergunta sobre a travessia diária que ele ainda realizava com as catraias: “Ocês branco n’um tem alma e nem z’ólhus! O que levis e tragos com lucro toda sũmana sãõ os barcos, *Muchê*!!!” (BATISTA, 2016, p. 150), finalizando a história da mesma maneira e efeito que na crônica de Stanislaw Ponte Preta, cujo personagem da lei recebe resposta semelhante da idosa que interceptava com frequência na fronteira.

Na crônica, o guarda fala à velha: “Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?”, ao que a mulher responde, depois de fazê-lo prometer não “espaia”: “— É lambreta”. (PONTE PRETA, 2021, p. 90).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura de Fronteira é a produção formada em uma região de divisa entre um ou mais países, com personagens, cenários e variedades linguísticas próprias. Com a implantação de Universidades e demais IES em regiões mais remotas, pesquisadores começam a conhecer e estudar academicamente a produção literária nessas áreas. No caso do Norte do Brasil, mais especificamente na fronteira entre o Brasil e a França (Guiana Francesa), um cenário muito comum na prosa e na poesia dos autores locais é a travessia pelo rio Oiapoque entre um país e outro, com o catraieiro sendo um personagem particular daquele contexto. A linha imaginária que divide as duas culturas representa também diferentes significados.

No texto de François-Xavier Gérard, a fronteira pode ser considerada como o fim da antiga vida de Bernard Vergalant em Caiena, capital da Guiana Francesa, e o começo de uma nova vida em Macapá, capital do Amapá. Quanto a Chiclete-de-Onça, indígena que trabalha como catraieiro ao longo do rio Oiapoque, a linha imaginária e os acordos diplomáticos tentam limitar o movimento de pessoas de grupos minoritários que sempre estiveram e viveram ali na região.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

No primeiro texto, Vergalant tem um fim trágico, sendo o catraieiro tal qual o barqueiro Caronte a levá-lo pelo Oiapoque/Aqueronte, enquanto Chiclete-de-Onça, na crônica, para não sofrer um fim como seus familiares, permite-se ser aquele que já está na ilegalidade para os não indígenas, aproveitando-se dos conhecimentos que tem daquela região e da travessia para enganar os guarda-fronteiras, responsáveis por manter a lei e a ordem nas fronteiras, tal como a Velha Contrabandista da crônica de Stanislaw Ponte Preta.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água**. São Paulo: Cia das Letras, 2022.

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro. Chiclete-de-onça. *In: Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Scortecci, 2016, pp. 148-150.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega – Volume I**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

BURASLAN, Marcelus Clei da Silva. **A condição fronteiriça Brasil-França: dos tratados de limites à fronteira-rede**. Dissertação de Mestrado. PPG/ MDR, UNIFAP. Macapá, 2017. Disponível em: unifap.br/ppgdas/files/2022/10/DISSERTACAO-MARCELUS-CLEI-DA-SILVA-BURASLAN.pdf. Acesso em: 5 de maio de 2024.

CARVALHO, Fábio Almeida de. A produção literária da região Circum-Roraima. *In: Literatura & Fronteira*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017, pp. 97-120.

DA SILVA, Cristhian Teófilo; PALOMINO, Cristabell López. Povos indígenas em áreas de fronteira internacional do Brasil: Enquadrando a problemática social da presença indígena entre fronteiras. **Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações**, [S. l.], v. 2, n. 2, pp. 6–31, 2018. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/25455. Acesso em: 5 de maio de 2024.

GÉRARD, François-Xavier. La Mort et La Mort de Bernard Vergalant. *In: Brèves de Savane 2: Nouvelles*. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2016, pp. 113-121.

GLISSANT, Edouard. Não há fronteira que não se ultrapasse. Trad. Wanda Caldeira Brant. **Le Monde Diplomatique**, out. 2006. Disponível em: diplomatie.org.br/nao-ha-fronteira-que-nao-se-ultrapasse/. Acesso em: 5 de maio de 2024.

MACRIS, Claudio. Littérature de frontière, itinéraire d'un écrivain. **Études Germaniques** 2007/1 (n° 245), pp. 5-16.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

PONTE PRETA, Stanislaw. **A fina flor de Stanislaw Ponte Preta**. Cia das Letras, 2021, p. 90.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Literatura de Fronteira: Por uma educação literária**. 63o Congresso SBPC (2013) – Disponível em: sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/doutorado/trabalhos_doutorado/doutorado-ebe-maria.pdf. Acesso em 21 de março de 2023.

FILMES CITADOS:

A VIDA DOS OUTROS (*Das Leben der Anderen*). Direção: Florian Henckel von Donnersmarck. Produção de Quirin Berg e Max Wiedermann. Local: Alemanha. Europa Filmes, 2006. DVD.

LA JAULA DE ORO. Direção: Diego Quemada-Diez. Produção de Edher Campos, Inna Payán e Luis Salinas. Local: México. Animal de Luz Films, 2013. Festival de Cannes.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 03/08/2024

Publicado em: 08/03/2025

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

BORDER LITERATURE BRAZIL AND FRENCH GUIANA: SCENARIOS OF CROSSINGS

Fabíola Reis

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

(fsfreis@unifap.br)

ABSTRACT

This article explores the crossing of the Brazil-French Guiana border in two short stories: *La mort et la mort de Bernard Vergalant* (2016), by François-Xavier Gérard, published in the second part of the collection *Brèves de Savane*, and *Chiclete-de-Onça* (2016), by Ramiro Esdras Carneiro Batista, both considered part of the circle of authors who live or write about this region, the *circum Oyapock*. Based on the works of Siqueira and Carmargo (2013), Carvalho (2017), Macris (2007), and Glissant (2006), we first discuss the notion of Border Literature to examine texts produced in regions divided between two or more countries, with their own settings, characters, and cultures. In the case of *La mort et la mort de Bernard Vergalant* and *Chiclete-de-Onça*, the texts are inspired by Brazilian literary works – the first by *The Two Deaths of Quincas Wateryell*, by Jorge Amado, and the second by *A velha contrabandista (The Old Smuggler Lady)*, by Stanislaw Ponte Preta. In both texts, the border is represented as a crossing between two worlds – the end and beginning of a life for Bernard Vergalant, who decides to start anew in Brazil after discovering that he was considered dead on French soil, or as an invisible line established by non-indigenous people for the native population, as seen in the case of *Chiclete-de-Onça*, the main character of the story.

Keywords: Border; Border Literature; Oyapock; François-Xavier Gérard; Ramiro Esdras Carneiro Batista.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

LITERATURA DE FRONTERA BRASIL Y GUAYANA FRANCESA: ESCENARIOS DE CRUCES

Fabíola Reis

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

(fsfreis@unifap.br)

RESUMEN

Este artículo aborda el escenario del cruce de la frontera Brasil-Guayana Francesa en dos textos cortos: *La mort et la mort de Bernard Vergalant* (2016), de François-Xavier Gérard, publicado en la colección *Brèves de Savane*, y *Chiclete-de-Onça* (2016), de Ramiro Esdras Carneiro Batista, publicado en la antología *Crônicas Escolhidas*, ambos considerados como parte del círculo de autores que viven o escriben sobre esta región. Con base en Siqueira y Carmargo (2013), Carvalho (2017), Macris (2007) y Glissant (2006), discutimos primero la noción de Literatura Fronteriza para hablar de textos producidos en una región dividida entre dos o más países, con escenarios, personajes y características propias. En el caso de *La mort et la mort de Bernard Vergalant* y *Chiclete-de-Onça*, textos inspirados en otros de la literatura brasileña – el primero en *La muerte y la muerte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado, y el segundo en *A velha contrabandista (La vieja contrabandista)*, de Stanislaw Ponte Preta. En ambos textos, la frontera se representa como un cruce entre dos mundos: – el final y el comienzo de una vida para Bernard Vergalant, que decide iniciar una vida en Brasil después de descubrir que se le consideraba muerto en suelo francés, o una línea invisible establecida por personas no indígenas para la gente nativa, como en el caso de *Chiclete-da-Onça*, personaje principal de la historia.

Palabras-clave: Frontera; Literatura Fronteriza; Oiapoque; François-Xavier Gérard; Ramiro Esdras Carneiro Batista.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 2 | 1-15 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|